

VORTIGÕES

POR
URBANO LOUREIRO



MARÇO
DE
1877
—
N.º 6



URBANO LOUREIRO

ORTIGÕES

CHRONICA DO MEZ — PERFIS DIVERSOS
— SATYRAS DA ACTUALIDADE

N.º 6

MARÇO DE 1877

PORTO

LIVRARIA CIVILISAÇÃO DE EDOARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR

8 — Santo Ildefonso — 10

—
1877

La satire, comme la conscience, nous rapelle
ce que souvent nous voudrions oublier.

Madame de Blessington.

SUMMARIO

BOLAMA & C.^a—O que elle era e o que lhe chamavam.—Cinco annos de ventura.—Os dias da semana.—A fatalidade, uma bochecha, o delirio, a morte.—O snr. de Bolama e seus acolytos.—Progressistas e regeneradores. Hosana!—As redeas do governo.—Papel azul, que é pardo, verde, côr de rosa.—Chega o novo Alexandre. É côr d'çafrão.—Apoiado!—*CARTAS DO OUTRO MUNDO*—*A sombra de Tinoco ao snr. Bento Soares*.—Chama-lhe testamenteiro e amigo.—O olho vivo da justiça.—Elle contaria 30 annos. E os pobres tiveram tudo a lucrar.—Tinoco declara que não quer ser guarda-barreira.—Recordações. O Bentinho e o snr. dr. Bento Soares.—Elle, deputado.—Calumnia, abominação!—Doutrina christã...—Elle, governador civil.—Por causa das duvidas, viaja.—Elle, director da alfandega.—Parabens a s. exc.^a e ao fisco.—Elle, futuro ministro.—A posteridade e s. exc.^a—Disse.—O DOIDO MARTINHO.—Era effectivamente doido?—Em Rilhafolles.—Radmaker, Gondalães e Couto.—Um bebado, um doido, um *exposto*, um desgraçado.—Morto.—O noticiario galhofeiro.—A morte de Martinho e o enterro do bacalhão.—A gargalhada é livre.—Uma bofetada e uma piruêta.—A ultima chalaça do noticiario. Assassinado.—*PHYSIONOMIAS*—Estudos do natural—I Os PEDANTES—I *Petrus in cunctis*.—O que succedeu quando elle veio ao mundo—Ser e parecer.—*Toilette* d'um sabio.—Como se faz uma reputação.—Julgamento.—II O deputado Manoel.—Os versos e a *cebenta*.—Recita; applausos.—Continúa a recitar; bocejos.—Não cessa de recitar; leva encontrões.—Recita sempre.—Prin-

cipia a ter nome.—Conclue a formatura.—Ma-
 noel deputado.—Processo oratorio.—*III O me-
 dico das damas.*—Dr. Virgula.—Tem um cavallo
 e um carro.—Lê jornaes em vehiculo. *Poseur!*—
 É especialista do bello sexo.—Pilulas douradas.
 —Uma inconveniencia. De resto bom homem.—
 A QUESTÃO DOS OURINATORIOS—O Porto-sentina.—
 Parenthesis.—A pura verdade.—Reclamam-se
 ourinatorios.—O art.º 53.—Uma camara com
 ideas.—Guerra aos dois tostões.—Um alvitre.—
 VESPAS—*A caridade de casaca.*—*Definições.*—
Comedorias politicas.—*Mascarada na quaresma.*
 —*O real tercetto do Guilherme Tell.*—*Dar aos*
queixos.—*O sol... de Bolama.*

BOLAMA & C.^a

Elle era bello e robusto e incansavel!

Elle era bom e sabio e generoso!

Elle era grande e nobre e arrojado!

Elle tinha amigos, compadres e afilhados.

E erguia-se-lhe um hosana constante, que
 mal lhe permittia ouvir a grita dos seus de-
 tractores, que o achavam, em compensação:

Pintado, hydropico e preguiçoso;

Corrupto, ignorante e gastador;

Pequeno, despresivel e cobarde;

Vivendo cercado de parasitas, de mario-
 las e de famintos.

Entretanto, á volta d'elle, tudo eram risos, cantatas e desleixos da vida, que se escoava descuidosa por entre ridiculos cachopos, que não conseguiam erguer-lhe opposição no seu deslisar sereno.

. . .

Vivia d'este modo ha cinco annos, lisonjeado, cortejado, affagado, partindo-se e repartindo-se, tendo regularmente uma inauguração e um lunch ás segundas-feiras, uma parada ás terças, um anniversario e um jantar ás quartas, uma recepção ás quintas, um caçada real com almoço as sextas e um banquete politico aos sabbados.

Como o criador, ao setimo dia elle descansava.

Em torno da sua cabeça perfeitamente modelada, refulgia um disco deslumbrante, uma auréola !

. . .

De repente a auréola empallidece, e uma bochecha começou de lhe inchar.

Era a boa fortuna que partia, — era uma dôr de dentes que chegava.

Fez arrancar o queixal perturbador da paz dos seus queixos !

Imprudente !

Como Sansão, que perde a sua prodigiosa força ao raparem-lhe o mysterioso cabellinho, elle succumbe ao perder o dente traiçoeiro.

Então a outra bochecha incha-lhe, e dil-o-hieis um cherubim, d'estes que se figuram soprando n'uma corneta, se não tivesse um espesso bigode aparado e negro, como a aza d'um corvo e alguns *pés de gallinha*, como uma velha com pretensões.

Por fim, morreu ; não como o gladiador classico, nobremente, serenamente na vasta arena da lucta, mas como um simples burguez, que se esforça ainda por viver; e querendo apanhar no vacuo alguma coisa que lhe escapava das mãos, ciciava a espaços :

—A minha pasta da guerra... a minha querida pasta... não m'a levem...—Ah! deixem-me contemplar mais uma vez... a vida fluctuante... que eu tanto amei... — Não... não me roubem as obras publicas.... Acudam ! Querem roubar-me... a pasta das obras publicas ! Tenho ainda concessões a

fazer... Defende-me Avelino... Lourenço...
Filippe... Ah!...

Este ah! apenas perceptível, era o ultimo
alento do ministerio Fontes-Serpa-Sampaio.
Sic transit gloria mundi...

. . .

E como rei morto, rei posto, dois dias depois d'este infausto succedimento, pavoneava-se nas eminencias do poder, ao sol que alumia e doura todos os ministerios, o snr. marquez d'Avila e Bolama, com cinco bolamasinhos da sua escolha *a latere*, premeditando economias, receitas, reformas e moralidade.

Pura phantasia!

Entretanto, á volta do pequeno grupo dos novos governantes, ergue-se um grande côro enthusiastico de todos os politicos de todas as côres, exaltando-lhe as sublimes virtudes incontrastaveis e... desconhecidas.

Progressistas e regeneradores jogam o murro e o pontapé, o safanão e o cascudo, disputando-se a honra de serem diariamente os primeiros a empunhar o thuribulo e a agital-o deante do magestoso senhor de Bolama.

Cantam *os regeneradores*:—Gloria ao poderoso, ao nobre, ao intelligente, ao abalissado, ao... ao... ao... (ficam a ladrar).

Os progressistas (interrompendo-os, sem tomarem folego) — Ao incomparavel, soberbo e perspicaz presidente do conselho de ministros!... Até que enfim, senhor! Portugal entrou na vasta senda das prosperidades! ó... ó... ó... (embasbacados).

Os regeneradores (aproveitando o ensejo) — Ó salvador da patria, nós te reconhecemos como aquelle a quem os destinos mandaram que nos fosses pharol no mar tormentoso das nossas vicissitudes politicas!—Etc., etc.

Finalmente, é qual dirá mais e melhor.

Uns, os regeneradores, proclamam o nobre senhor de Bolama um estadista portentoso, um sabio incomparavel, um prodigio de diplomacia, o primeiro economista da Europa, o orador mais eloquente da península, o redemptor das finanças, o Ali-Baba do *deficit*, o mais completo encyclopedico,—o marquez predestinado, segundo o Bandarra, para despejar sobre este reino a cornocopia

do credito, da abundancia, do bom e do barato.

Os outros, os progressistas, extasiavam-se deante de tudo o que o rodêa.

A natureza, em presença da nomeação do nobre diplomata, mudou completamente a face das suas cousas. Ainda ha pouco tudo eram chuvas, inundações, catastrophes, ruinas, miseria e fome. De toda a parte se erguiam vozes de desolação, gritos de soccorro. O vento açoutava rijo, as chuvas ameaçavam diluvio, as aguas subiam sempre, — estampava-se o medo em todas as faces: durará isto ainda muito?

De subito, ao passo que, para o lado do occidente se rebuça n'um espesso manto de trevas um astro quasi apagado, da parte do oriente começa de raiar uma rozea luz suave... a antemanhã d'um bello dia que se approxima. É a bochecha do snr. Fontes que se abysma, é a face do snr. marquez d'Avila que desponta.

Então os passaros gorgeam os seus amores, um brando vento norte afugenta as nuvens espessas, que empanam o azul celeste, as flores matizam os campos, o sol aquece

a athmosphera, as arvores deitam os seus rebentos, os rebanhos saltam pelas escarpas do monte, as aguas sussurram, os moinhos bracejam, os gatos miam, os cães ladram, os bois mugem, as rãs grasnam, o inverno emigra, e para prova mais clara de que o ceu se interessa pelo novo ministerio Bolama, a primavera escolhe esta occasião para se apresentar aos mortaes:—a natureza renasce.

Na opinião dos ditos progressistas, ao vêr-se isto, é escusado ser um politico sagaz para se conhecer que o snr. Fontes deixou o poder,—e ainda mais, que subiu a elle o brilhante marquez, o eleito dos deuses. Basta dar um passeio até fora de barreiras e olhar em redor.

. . .

Uns e outros teem razão.

O snr. de Bolama tem realisado taes prodigios, depois que empunhou *as redeas do governo* (phrase antiquada mas expressiva, porque nos informa claramente de que especie de animaes o governo se compõe), tem feito taes milagres, que não é hyperbolico

tudo quanto se diga do occulto e sobrenatural poder, que s. exc.^a exerce nos dois partidos contrarios.

Um facto basta para o provar.

No dia seguinte áquelle em que s. exc.^a se apresentára nas camaras, o snr. Manoel d'Assumpção mandava para a meza, antes da ordem do dia, um requerimento escripto em papel commum, anilado—e dizia:

— Snr. presidente; envio para a meza este requerimento, feito em papel côr de rosa, que...

O snr. Pinheiro Chagas (interrompendo-o)—Em papel pardo, quer v. exc.^a dizer.

O snr. Assumpção (mostrando o requerimento)—Em papel côr de rosa, repito.

O snr. Luciano de Castro—O que eu vejo é papel verde.... E invoco o testemunho dos meus amigos politicos.

Os progressistas (interrompendo-o, n'uma gritaria descomposta)—É verde! o papel é verde!

Os regeneradores (bracejando)—É côr de rosa!

O snr. Chagas (que se vê em grande mi-

noria, gritando como dez)—É pardo! sus-
tento que é pardo!

Tumulto.

Vozes—Ordem, snr. presidente! ordem!

O snr. Mamede—Ordem, meus snrs.!

O snr. Thomaz Ribeiro (enfiado) — Este negocio apura-se lá fóra! Saiam para o pateo!

O snr. Mamede—Ordem, snr. deputado! Não esperava que v. exc.^a convidasse a camara ao motim!

O snr. Thomaz Ribeiro—Mas, snr. presidente, eu apenas a convido a vir para o sol examinar o papel, que é manifestamente côr de rosa.

O snr. Chagas—Não é tal! é pardo!

O snr. Marianno—Qual pardo?! é verde, snr. presidente!

N'isto entra o snr. marquez d'Avila e Bolama, informa-se do objecto, pega no requerimento, monta as suas lunetas infalliveis, apalpa o papel, molha-o com a ponta da lingua, colloca-o entre os olhos e a luz, em seguida pousa-o, tosse, concentra-se, e depois de alguns minutos de profundo silencio, diz pausadamente:

—Meus snrs.: chamado a este logar eminente para exercer as vastas attribuições de chefe do poder executivo n'um paiz constitucional, eu venho declarar deante da assembleia, que nobremente me consulta, que este papel é côr d'açafirão!

O snr. Miguel Maximo—Ah! q-u-i, qui!

Todos, regeneradores, progressistas e os outros, com frenezi.—Apoiado! Muito bem! Côr d'açafirão! Justamente!

O snr. Thomaz Ribeiro (com os seus botões)—Sim; côr de rosa e côr d'açafirão, vem a dar no mesmo...

O snr. Chagas (como o precedente)—Está visto! quem diz pardo, diz côr d'açafirão, e vice-versâ.

O snr. Luciano (como o snr. Chagas)—Nem mais! Só um cego é que não via que era verde, quero dizer, côr d'açafirão!

Tal é o magnetico poder que o snr. de Bolama exerce sobre os varios grupos conservadores e progressistas do parlamento.

Contam-se apenas uns tres dissidentes, mas crê-se que esses mesmos o são a pedido de s. exc.^a, para darem o claro-escuro indis-

pensavel n'este formoso quadro da adoração d'um cache-nez.

. . .

Tal está sendo o primeiro acto d'essa opera-buffa cheia do imprevisto-burlesco, que principiou com a demissão do ministerio Fontes atormentado por uma dôr de dentes e á qual se seguiu a exaltação do infallivel *mr. le marquis de Carabas*, o Moysés portuguez.

Os outros actos da peça não podem deixar de ser exuberantemente comicos, sobretudo aquelle em que os diversos partidos, cançados de fazer barretadas e salamalékes, apeadas as esperanças de um desenlace proximo e favoravel, principiarem ao catchação entre si e ao idolo, apodando-o ao mesmo tempo de vaidoso, fatuo, reaccionario, indeciso, etc., no louvavel empenho de o deitarem a terra e de o substituirem na peanha.

E então seremos nós que escreveremos a peça, que será ao mesmo tempo uma pagina

animada e instructiva da nossa historia politica.

Somente, por amor das instituições e mesmo porque poderíamos ser taxado de inverossimil, a scena passar-se-ha em Tumbuctú.

Para a musica, temos o snr. Alvarenga.

CARTAS DO OUTRO MUNDO

1.^a

Da sombra de Tinoco ao exc.^{mo} snr. dr. conselheiro Bento de Freitas, novissimo e dignissimo director da Alfandega do Porto:

(POSTA INTERNA)

Meu amigo e testamenteiro:

Apesar de estar fora d'esse mundo ha bom quarto de seculo, creia v. que não sou ingrato a ponto de esquecer as pessoas, que, mesmo depois de morto,—e sobretudo depois de morto,—se interessaram pela minha me-

moria, honrando o meu nome na execução das obras meritorias, que deixei apontadas.

Eu chamo-lhe testamenteiro e amigo sem que, ao despedir-me da vida terrena o tivesse a v. na conta de amigo e muito menos na de testamenteiro, mas porque o seu adoravel empenho de querer zelar a minha ultima vontade para com os pobresinhos me revelou quanto v. era crédor da minha amizade posthuma.

Que pena eu tenho de o não ter conhecido mais a fundo, quando passeava por esse globo! Não, de certo; não teria escolhido outro confidente — nem outro testamenteiro!

Felizmente que a justiça tem o *olho vivo*, e, comprehendendo o meu erro ao escolher alguns cavalheiros amigos, que eu considerára idoneos para depositarios e executores fieis da minha ultima vontade, lhes arrancou por sentença o mandato, indo deposital-o nas suas mãos de bacharel sem mancha e sem clientella, illustre snr. Bento!

A justiça farejava já no moço bacharel, que v. era n'esse tempo, o grande homem de tino, que v. é hoje! Eu então apenas via

em si um *petisco*,—desculpe-me, por quem é—como a maior parte dos rapazes que nos vinham de Coimbra com a sua carta de bacharel n'uma lata e uma grande *bolha* á flor do cerebro.

Agora não sei se acontecerá o mesmo. Persuado-me que não.

. . .

Tinha v. n'esse tempo uns 30 annos aproximadamente e apenas dava esperanças...

Como n'este outro mundo em que vivo não tem entrada o disfarce nem as meias-phrases d'uma lisonja obrigada, dir-lhe-hei francamente que me desgostou a escolha do doutor para meu testamenteiro, tanto mais que eu não poderia gritar aqui d'el-rei, se por acaso... o que Deus Nosso Senhor não permitiu. Perdôe. Não o conhecia.

Satisfez, pois, v. as minhas disposições, repartindo pelos desgraçados a parte que lhes deixára dos meus haveres, não sabendo elles qual de nós tinha feito obra mais meritória, se eu legando-lhes alguns contos de reis, que já não podia aproveitar, se v. di-

vidindo essa somma escrupulosamente, ir-mãmente, real a real, como quem não quer para futuro, a espicaçar-lhe a consciencia, o alfinete do remorso.

E eu acho toda a razão aos pobresinhos. Effectivamente, snr. doutor, que teriam lucrado os desprotegidos da fortuna com o meu legado, se elle fosse parar ás mãos d'algun d'esses industriosos de sobrecasaca e gravata, cuja entrada no mundo é assignalada por uma solemne patifaria, que lhes dá direito a uma commenda do governo e á consideração da sociedade?... Por certo, nada: enquanto que com o doutor lucraram tudo.

Eu bem sei que o estou a ferir no que tem de mais sensível depois da honra, a modestia; mas a minha qualidade de espirito põe-me ao abrigo de qualquer hypothese affrontosa, como seria a de exaltar em v. o actual director da alfandega do Porto — para ser proposto, que sei eu? guarda-barreira!

. . .

Deixe-me, pois, dizer as coisas como as entendo e sem restricção. Como alma do ou-

tro mundo, o maximo de que me poderiam accusar seria de querer passar contrabando por horas mortas. Tem-se visto; mas era uma grossa calunnia a meu respeito, e contra a qual me insurgiria, se não tivesse a certeza de encontrar no caro snr. Bento um defensor generoso, como tambem encontrára um testamenteiro fiel.

E v., que até á hora de tomar sobre os seus hombros o complemento da minha ultima vontade, não passava de ser o Benti-nho, um tagarella que dava consultas a seis vintens na botica, passou a chamar-se o snr. dr. Bento Soares, a usar chapéu fino e a ser consultado para tudo, tanto com relação a typhos como a respeito de eleições.

Veja v. se se lembra; porque a providencia dos bons não dorme, sobretudo quando aos seus ouvidos echôa um hymno de agradecimento, como deveria ser o dos famintos a quem v. soccorrêra generosamente, occulta-mente, sem mesmo deixar documento d'isso, conforme ordena o evangelho, dando-lhes as sobras d'uma fortuna que tinha cessado de me pertencer.

. . .

De dia para dia, a sua importancia augmentava, estendendo-se pelas immedições do seu berço natal, Villa do Conde, até que, de uma vez, o governo perdeu ahi umas eleições.

E quem as tinha ganho havia sido o candidato proposto pelo meu amigo! A sua muita influencia no povoado e o seu grande tino em tal natureza de trabalhos, eram incontestaveis; o governo passou a comprimental-o respeitosamente.

Na legislatura seguinte era v. deputado e estreava-se na camara, n'uma questão antipathica para a maioria do paiz, dizendo—approvo.

Mas não ha triumphos faceis, como não ha rosas sem espinhos nem ceu sem nuvens.

Apenas a inveja reconheceu que no doutor havia a materia prima d'um grande vulto, para o qual seria acanhado o local que o vira nascer, começou de lhe roer na pelle e cortar-lhe na casaca.

Até que um dia surdiu a maior das calumnias, a mais ignobil das mentiras, e, ó dôr! em meu nome, no meu proprio nome,

insinuando que v. fôra o unico pobre que tinha aproveitado a disposição testamentaria, em que eu determinava que o remanescente da minha fortuna fosse distribuido pelos necessitados!!! Que abominação!

E pediam-lhe contas da testamentaria, e faziam calculos de dinheiros aproximados, e concediam-lhe um *bonus* de 4:000\$000 reis para luvas e chapéu fino!!! Que indignidade!

Ah! Quanto deve ser custoso para um homem como v., que vive em santa paz com a sua consciencia, ouvir estas coisas e calar, só por obedecer ao preceito religioso, que manda que a mão esquerda ignore o que dá a direita!

Porque estou convencido de que as contas existem n'algum logar escuso da sua carteira, perfeitamente sommadas, documentadas e promptas, com as assignaturas em cruz dos mendigos contemplados, e que tudo isso apparecerá por sua morte, que Deus affaste para longe, — amen. Só lamento que o meu caro testamenteiro não se resolva antes d'isso a confundir os seus inimigos com a exposição da verdade, embora tivesse de

amarrotar a sua reconhecida modestia, acarretando sobre o seu nome as bençãos serôdias dos gratos mendigos!

. . .

Mas, ainda bem que os manejos subterrneos da inveja não têm conseguido arrancar-o aos triumphos da politica do seu paiz, que certamente lhe teria ha muito offerecido o bastão de commando de todos os galopins do reino, se a creação d'um tal cargo de confiança não occupasse por ora no cerebro d'esse homem extraordinario, que o mundo chama Antonio Maria, um dos escaninhos do seu futuro projecto de reforma eleitoral.

Foi assim que, apezar da guerra, que lhe moveram homens inspirados de ruins paixões, v. trepou, trepou, trepou até governador civil da segunda cidade do reino, onde soube conquistar adeptos fervorosos e fazer deputados regeneradores.

Ah! ninguém diga que o meu caro testamenteiro não é um grande homem, porque o é, e eu sinto não estar vivo para o poder

cingir nos meus braços, testemunhando-lhe quanto é crédor da minha mui alta consideração e respeito !

Sim, o seu illustre nome ficará para sempre archivado em lettras d'ouro na historia do districto do Porto, onde, durante cinco annos, se reconheceu a poderosa influencia d'esse espirito lucido, d'essa intelligencia culta e d'essa vontade energica.

E' sabido que nos lances arriscados, nos lances difficeis ninguem o encontrava dentro de barreiras, mas tambem era o primeiro a entrar, apenas resolvidas as difficuldades, abrandados os animos, e os fios communicassem para a sua thebaida de Villa-do-Conde:

«Já não ha perigo. Póde vir quando quiser.

T.»

E era então magnifico vêr o meu nobre amigo fazer a sua entrada na cidade da Virgem, communicativo, radiante, feliz,—mas de noite !

. . .

Deve estranhar que eu esteja tão bem informado de todas estas coisas vivendo n'um outro mundo, affastado do orbe terraqueo, sem lêr uma gazeta ou frequentar um botequim; e todavia nada mais simples. V. merece-me especial sympathia e gratidão; ha favores, que nunca se esquecem, e a honra de ter querido ser meu testamenteiro á força, penhorou-me até ás lagrimas e leva-me a perguntar a todas as almas que vêm d'essa terra :

—Conhecem lá o Bento Soares (na ausencia)?—Que faz agora esse homem notavel?—É feliz nos seus manejos?—Venceu mais alguma eleição?

E d'ahi o estar ao facto de todas as particularidades e accidentes da sua vida e o saber que deu com gente que sabe apreciar devidamente as suas qualidades excepcionaes.

. . .

Uma alma, que chegou ha pouco das margens do Douro, communicando-me uma noticia agradabilissima, encheu-me de verda-

deiro jubilo e moveu-me a escrever-lhe estas duas regras. Têm ellas por objecto felicitá-lo pela sua exaltação ao rendoso cargo de director da alfandega do Porto.

A mim sempre me quiz parecer que v. tinha a sua vocação torcida! Um homem da sua perspicacia e do seu talento precisava de se empregar em objectos que reclamassem sobretudo olho vivo e sagaz nos interregnos eleitoraes. O cargo de fiscal era o que mais lhe estava a quadrar.

Deu-se-lhe.

Não lhe fizeram senão justiça; e apesar da referida alma me dizer que varios apaixonados politicos murmuram por lá da sua incompetencia, eu, que o conheço desde que teve a bondade de se encarregar espontaneamente dos meus negocios n'esse mundo, posso afiançar-lhes que o fisco tem muito a esperar da sua finura, do seu zelo e dos seus conhecimentos medicos.

Além de que, depois de haver dobrado o cabo tormentoso da politica do seu paiz, vencendo os mais oppostos elementos partidarios e eleitoraes, era de toda a justiça, que o mandassem—descançar, á sombra dos

loiros conquistados, garantindo-lhe uma vida folgada, um ventre repleto e uma carta de conselho.

Que mais lhe faltará para ser um ambicioso feliz?—Uma pasta de ministro?—Tela-ha, digo-lh'o eu.

E então, a sua, a nossa Villa do Conde, orgulhosa por um tal filho, não hesitará em levantar-lhe um monumento de granito ou d'outra coisa, a pé ou a cavallo, sobre uma peanha ou sobre uma columna, coroado de loiros ou de chapéu de bicos na cabeça, em cujo pedestal se lerá:

Ao filho d'esta Villa, heroe, portento,
Que, partindo do nada, alcançou tudo;
Que nas camaras foi um ciç'ro mudo
E chegou a ministro! Ao doutor Bento!

Eu subscrevo desde já com... Ah! que loucura a minha! Suppuz que ainda estava, senhor d'aquelles contos de reis que... desculpe,—que o meu amigo fez o favor de me distribuir pelos pobresinhos.

Mas que o monumento se fará, não padece a menor duvida; é mesmo indispensavel que se faça. Portugal não é tão rico de

celebridades que possa desperdiçar homens illustres da sua cathegoria.

A posteridade o aguarda! Eia!...

Está escripto!

. . .

Despeço-me saudoso d'esta palestra, mas não posso ser mais extenso; vai partir o correio. De novo reitero os meus parabens pela sua recente conquista, e lhe peço que me considere seu amigo posthumo,

Tinoco.

O DOIDO MARTINHO.

Todos os grandes e pequenos centros povoados, com raras excepções, têm o seu doido popular, que serve de recreio ao rapazio e de desfructe ao populacho, que folga de lhe ouvir os repentes nem sempre felizes e de lhe provocar as replicas nem sempre conceituosas.

No Porto vadiava um d'esses desgraçados — era o Martinho.

É ainda problema para muitos, se elle effectivamente era doido, se o fingia ser, para

reunir durante o dia, em esmolas, a somma precisa para o seu sustento e para a sua embriaguez.

Na rua e na praça, theatro das suas façanhas, affirmava-se que não passava d'um doido com momentos lucidos; em Rilhafolles, aonde fôra recolhido por algumas vezes, dava mostras de ter mais juizo «do que quem o tinha mandado para lá» — na phrase dos empregados da caça, e não sabemos até se na do medico do estabelecimento.

Tinha uma especialidade na qual o vulgo se aprazia em ouvil-o; eram as solemnidades religiosas, os sermões e as missas cantadas.

Possuía a bossa imitativa grandemente desenvolvida: parodiava no gesto, na voz e muitas vezes no arrevezado da phrase, sem esquecer as suas citações latinas, um latim *ad libitum*, os reverendos Radmaker, Gondalães e Couto.

N'essas occasiões, revestindo a individualidade de qualquer d'estes illustres pilares da Egreja, elle era concentrado e solemne.

Tinha, porém, o vinho mau;—o vinho ou a aguardente; não o saberíamos dizer com certeza; e a miudo era forçado a trocar a

moleza da sua enxerga no *hotel do Piolho*, do bêco das Carvalheiras, pela tarimba do posto de policia ou da caza da guarda.

Todavia, doido ou assisado, bebado e desordeiro, como era, sem nunca ter conhecido os brandos affectos da mãe nem os aconchegos da familia, porque era *exposto*, e nem sempre coberto convenientemente, vadio como um cão sem dono,— o que indubitavelmente ninguem contestará é que esse homem, conhecido ahi pelo nome de «Martinho», era um desgraçado.

. . .

Ora n'uma d'estas madrugadas de março corrente, elle appareceu moribundo, sem falla, com uma grande brecha na cabeça, escoado de sangue, no chão, junto da sua cama de bancos, no *hotel* a que nos referimos.

. . .

Espalhou-se logo por toda a cidade a voz d'este acontecimento e fallou-se muito n'elle. Porque Martinho no Porto era a encarna-

ção da popularidade, tal como a invejariam para si muitos candidatos entre os seus eleitores, muitos governos entre os seus administrados e até muitos monarchas entre os seus fieis subditos.

Comtudo havia quem duvidasse do succedido. Faltava a confirmação da lettra redonda. Mas essa veio tambem.

Chegou no dia seguinte nas columnas esguias dos jornaes da manhã; porém, de que fórma e em que estylo! Não se é mais alegre nem mais chocarreiro nos sermões do enterro do bacalhau pela paschoa!

N'aquella prosa faceta e vulgar como que se respirava a atmosphaera em que de ordinario vivêra o desgraçado, cuja morte se contava. Dir-se-hia que o espirito de Martinho, que de ordinario era o do summo da uva, tinha inspirado aquella prosa, em que os illustres auctores procuraram collocar-se á altura do seu heroe.

Que despreocupação! que familiaridade! que bom humor de collegial em dia de folga! Como elles se sentiam felizes!

E tinham razão para isso, razão de mais. Não morrem diariamente Martinhos, doidos

e expostos, e pobretões demais d'isso, para ss. ex.^{as} desforrarem a penna das humilhações a que lh'a forçam os Martinhos não menos idiotas, não menos engeitados talvez, que por ahi estadeam, mas certamente mais ricos, mais poderosos do que o fallecido.

. . .

As conveniencias, pois, tiveram feriado. Não havia conveniencias a respeitar. O morto não tinha parentes que assignassem ou lessem a *folha*, nem o seu nome figurava sob o titulo de—*fallecimento e convite*—na secção dos annuncios funebres.

Por isso, liberdade plena de rir, de brincar, de tripudear sobre o acontecimento do dia !

E o noticiario apoderou-se do cadaver de Martinho, soltando guinchos de contentamento, e fez d'elle o que um gato folgasão faz d'uma pella. Mirou-o por todas as faces, expôl-o a todas as luzes, encarou-o por todos os lados, virou-o, revirou-o, deu-lhe uma posição grutesca, poz-lhe um chapéu amassado na capeça, metteu-lhe na bôcca um ci-

garro de papel; depois estirou-o de novo com uma bofetada e uma piruêta... Um doido, um ébrio, um exposto! Á vontade, meus snrs.! — quem póde tomar a sério o corpo inteiriçado, marmoreo, exangue d'um exposto, d'um ébrio, d'um doido?...

Mas se elle foi assassinado? — «Martinho era um grande orador! fallava latim!»

Mas se aquella morte é o resultado de um crime nefando? — «Qual?! Martinho era um artista! fazia bustos de barro!»

Mas se...? — «Ora adeus! O que elle era sobretudo, era um original!»

E assim por diante; — sempre irrequieto, chistoso, despreocupado, o noticiario acompanhou-o até á beira da cova onde, por despedida, lhe compoz a seguinte phrase, imitação de outra, que se lê no *Crime do padre Amaro*:

«E na occasião de o officiante espargir de agua benta o cadaver, murmurou baixinho um assistente:

«É a ultima *pinga* que lhe dão!»

Não diz, pois, a verdade quem affirma que o povo francez é o mais espirituoso do mundo. Evidentemente mais espirituoso que elle,

e além d'isso mais original, é o noticiario portuense.

. . .

Como epilogo :

Vinte e quatro horas depois d'aquella jovial cerimonia funebre descripta com tão alegre colorido de phrase pelo noticiario minucioso, dous cirurgiões procediam á autopsia do cadaver de Martinho e declaravam sob juramento, que os indicios resultantes do exame, a que tinham procedido, fundamentavam a suspeita d'um crime — d'um assassinato.

Desde essa hora o noticiario continuou a rir — mas para dentro !

Um doido !

PHYSIONOMIAS

—

ESTUDOS DO NATURAL

I

Os pedantes

I—Petrus in cunctis

Quando veio ao mundo os sinos repicaram; quando soltou os primeiros vagidos salvaram as fortalezas, e ao pronunciar-se pelo amarello no fundo alvissimo dos seus cueiros, as tropas apresentaram armas e as farras sopraram um hymno!

Tinha nascido um rei, um imperador, um... homem que mais tarde presidiria aos destinos de um povo.

Mas este rei, este imperador, este... homem, era ambicioso; por isso não se contentou com aquelle favor do acaso.

Elle queria ser outra coisa, que não fosse filha do acaso.

E na impossibilidade de inventar a photographia, ou as machinas de costura, ou o telegrapho electrico, porque outros estavam encarregados d'essa tarefa, desejou ser sabio.

Ora, como não fosse possivel sê-lo,

(Não se é sabio, como se pode ser imperador—por um bamburrio,)

Contentou-se com o parecer.

. . .

Toda a sua ambição era fazer fallar de si, —entrar pela posteridade dentro com a corôa no cucuruto da cabeça, o sceptro atraz da orelha e uma duzia de *Guias do Viajante* debaixo dos braços sob o titulo conhecido de *Impressões de Viagem*.

E a verdade é que já não lhe falta muito para o conseguir.

Como a fama não vinha ter com elle, dispoz-se elle a ir ter com a fama, e resolveu viajar, correr mundo e ostentar nos paizes que fosse percorrendo vastos conhecimentos, como imperador nenhum ainda havia ostentado.

E com essa ideia fixa procedeu á seguinte minuciosa *toilette* de sabio:

Decorou trinta versos da *Illiada* na lingua mãe, em grego — quanto a linguas mortas.

Informou-se do sette-estrello, fixou as ur-sas, e teve suas velleidades de descobrir um planeta, para lhe dar o seu nome, o que não conseguiu—pelo que toca a astronomia.

Soube que a Venus de Millo não tinha braços e que o Theseu do Parthenon, esse, além de não ter pés nem mãos, tambem não tinha nariz—quanto a estatuaría antiga.

Veio no conhecimento de que Franklin descobrira o pára-raios, que o sal commum se chamava chlorureto de sodio, que toda a planta era um vegetal, que o livro em que se lia a descripção de todos os animaes, incluindo a sua propria pessoa, se chamava Fauna—isto por o que toca a phisica, chimica, botanica e zoologia.

Aprendeu mais a comprimentar em francez, a pedir um banho em inglez, a agradecer em allemão, a dar as boas noites em italiano e a dizer *sim* e *não* em outros idiomas—por o que respeita a linguas vivas.

Finalmente, soube que Xisto V fôra guar-

dador de porcos, que Cromwel posera escriptos no parlamento inglez, e que a Saint-Barthélemy fôra em noite de S. Bartholomeu—quanto a historia universal.

E ao passo que se ia preparando para deixar um rastilho de boccas abertas na sua passagem, como n'um lago a esteira d'um barco á vela, o illustre imperador deixava crescer as unhas, os cabellos e o mais.

Era o complemento da sua *toilette* de sabio.

. . .

Depois, um bello dia, quando julgou que tinha aprendido tudo, metteu n'uma pequena mala duas camisas de riscado, um dictionario d'artes e officios, um panamá, uma agulha de marear, um pente de bufalo, um guia de conversação em tres linguas, e duzentas patacas; em seguida mandou buscar quatro sabios á Academia mais proxima, dos que estivessem em melhor estado, metteu-se com elles n'um paquete—e partiu.

Hoje a imprensa de todo o mundo occupa-se do imperador mais illustrado que

existe debaixo da roda do sol, fallando de S. Magestade, e conta os arrojões de erudição com que diariamente confunde os congressos e os gyneceus.

Quem informa a imprensa de todas essas maravilhas e lhe narra os triumphos obtidos nas varias cidades pelo imperador, são os quatro sabios que o acompanham, e que têm a seu cargo emprestar-lhe phrases, replicas e opiniões nas suas correspondencias diarias.

E conseguiu o seu fim.

A posteridade cognominal-o-ha talvez—*Petrus in cunctis*.

Nós cognominal-o-hiamos, se estivessemos no seu logar,—*Petrus, o pedante*.

—

II — O deputado Manoel

Quando frequentava os bancos da Universidade, Manoel trocou muitas vezes os versos do snr. Thomaz Ribeiro e de Soares de Passos pela prosa vulgar da *cebenta*.

Decorava-os laboriosamente e recitava-os —ao piano?—Não, minhas senhoras, ao es-

pelho, estudando gestos dramaticos, posições tragicas, modulações apaixonadas.

. . .

Uma noite, convidado para uma *partida*, ancioso de se tornar celebre, pediu a um amigo que, deante de senhoras, lhe pedisse para recitar algumas poesias.

E foi para casa repetir em sabbatina, deante do espelho confidente, as variadas composições metricas do seu repertorio.

Compareceu á noite na *partida*, e o amigo pediu-lhe o que elle lhe pedira. Recusa de Manoel, rebuçando-se n'um transparente manto de falsa modestia; instancia das senhoras, que não lhe admittem as desculpas banaes, e cedencia do supra-mencionado, que appella para a benevolencia do auditorio.

Depois colloca-se no meio da sala, n'uma posição estudada, sacode com um movimento leonino de cabeça os cabellos que teimam em lhe afagar a testa, desentupe a garganta por meio d'um arranco, e recita as *Flores*

d'alma do snr. Thomaz Ribeiro, no meio de um fremito de entusiasmo mal-contido.

Uma salva de palmas e de bravos acolhe o recitante. A sua voz de tam-tam chinez impressiona as damas vivamente.

Segue-se o *Firmamento* de Soares de Passos. O entusiasmo esfria um pouco, porque o auditorio — um auditorio de senhoras! — principia a cançar-se de estar calado por tanto tempo.

E mal têm echoado os ultimos applausos ao *Firmamento*, já elle vai no fim da primeira estrophe da *Cerração no mar*, á qual se seguem *As novas conquistas*...

Era de mais!

A impaciencia dos convidados sobe de ponto, formam-se grupos, todo o mundo falla... Manoel não cessa de recitar.

Por ultimo, a filha do dono da casa senta-se ao piano e preludia uma walsa. Tiram-se pares, enlaçam-se as cinturas, suspendem-se as caudas dos vestidos, aguarda-se o primeiro signal para partir... Manoel recita sempre.

Rompe a dança vertiginosa, os pares des-

lisam redemoinhando, o piano precipita as suas notas, a furia dos walsistas redobra, e Manoel, sempre a recitar, é levado aos encontros até ao desvão d'uma janella.

Quando tem acabado a dança e se restabelece um pouco o silencio, dominando o rumor confuso das conversações, ouve-se uma voz de baixo profundo, que declama soturna por traz d'um cortinado:

Crenças, familia, amor! ai, tudo foi-se!
Que mais me resta, ó ceus?!—Da morte a foice!

E' ainda Manoel que recita.

. . .

Começou a sua nomeada por ahi.

As familias deram em chamal-o para preencher os intervallos das suas *soirées* com alguns recitativos; ás inaugurações lá ia elle tambem, rebugado demosthenicamente na sua capa com o seu gorro atirado para a nuca, dizer quatro quadras; e nos anniversarios a sua presença tornou-se indispensavel. Era como o *pudding* de batata nos

jantares inglezes; enfartava, mas ninguem ousava supprimil-o do *ménu*.

Fez-se doutor em direito, havendo requintado em *poses*, entonação, gestos, e outras qualidades oratorias.

Manoel via-se e ouvia-se fallar.

Era o Narciso da palavra.

. . .

Retirou-se para Traz-os-Montes, o seu berço natal, e tempo depois sahia-nos deputado, assim, d'improviso, sem ninguem o esperar, como sahem certos macacos de feira de dentro d'uma caixa, impellidos por mola occulta.

Sómente aquelle sahiu de dentro do chapéu embicado do snr. Fontes.

E botou discurso na camara, um improvisado estudado a preceito durante quinze dias, cheio de conceitos graves, antigos, de cabellos brancos.

Como de costume, os jornaes do dia seguinte começaram a chamar-lhe nomes; este Cicero, aquelle José Estevão, aquell'outro Mirabeau...

Exactamente como n'uma praça de peixe.

Está provado que não se póde ser homem de talento em Portugal. Chovem-lhe logo em cima os epithetos mais extravagantes, e uma pessoa deixa de ser o que é para ser de ordinario um homem da antiguidade ou pelo menos um homem morto.

Manoel, esse então foi tres homens, como já dissemos — Cicero, Mirabeau e José Estevão.

Infeliz! não lhe bastava já ser deputado!

. . .

Manoel tem um processo especialissimo de fazer discursos.

No dia em que tenciona pedir a palavra, leva para a camara um pequeno açafate de verga coberto com um guardanapo. A principio julgou-se que fosse uma pequena refeição, para depois do discurso.

Engano. O açafate vae cheio de phrases, de apostrophes, de arrebatamentos, de replicas, de interrogações, de hum! hum!, em pequenos quadrados de papel, que s. exc.^a espalha deante de si, ao acaso, procedendo

disfarçadamente á sua leitura, em voz alta, acompanhando-a de gestos adequados. D'este modo:

Snr. presidente! — As ondas populares — que esphacelam virtualmente—a sublimidade do patriotismo—sophismam o direito robusto—n'um regosijo ignaro! (*Apoiados*).— Debaixo da mascara egregia — os fragmentos de uma opposição rebelde (*muitos apoiados*)—legitimam a serenidade—corrompem o dever—fundibularios do passado—á sombra d'um tecto de colmo, *sub tegmine fagi*! (*Vozes—Muito bem!*)

Et cætera. No fim de cada discurso, muitos snrs. deputados comprimentam o nobre orador. Elle só estranha que o não comprimente a camara em peso, com os snrs. tachigraphos e os snrs. continuos, e não o espere á porta uma deputação das galerias.

III — O medico das damas

Ha talvez dois annos encontravam-n'o visitando os seus doentes, a sua clinica, dentro d'uma victoria, tirada por um só cavallo,

muito comprido e de formas pouco roliças.

Cavallo d'aquella extensão só vimos outro ha dias puxando um carro de garrafas de cerveja. Pareceu-nos até reconhecê-lo. Talvez fosse o mesmo que o nobre doutor usava no seu trem ha vinte mezes.

Hoje deitou mais uma alimaria aos varaes. O coupé, em que o illustre clinico se refestella, comporta dois cavallos.

Emquanto o cocheiro fóra açoitá os bichos com o pingalim, dentro o doutor não levanta os olhos d'uma folha, cuja leitura parece interessal-o muito, o que o não impede de ter o jornal ás avessas. *Poseur!*

É este apreciavel Galeno o illustre Virgula,—posto que, sendo a sua pequena cabeça um ponto sobre os hombros, nos pareça mais um ponto e virgula.

A sua especialidade, não são as doenças de olhos, as nevralgias ou os reumatismos, —são as damas; exactamente como a especialidade de certos sapateiros, os quaes não fazem calçado para homem.

Conhecemol-o nos bancos da Academia. Era o que restrictamente se pode chamar um pobre diabo, um mosca-morta.

Ninguem diria que estava dentro d'aquella pelle e por detraz d'aquellas lunetas a larva (que os snrs. typographos, pela troca d'uma vogal, não me levem a chamar-lhe nomes!), a larva que mais tarde se transformaria na borboleta que nós sabemos!

Hoje o pobre diabo de outro tempo vale muito dinheiro.

Apesar de meio mundo, ao vê-lo passar indifferente, mas espreitando quantas pessoas se voltam ao estropear dos seus hyppogriphos na calçada, dizer ao outro meio :

—Olha se m'o compras; dou-t'o barato! Para um apreciador, como nós, dr. Virgula não tem preço.—É impagavel.

. . .

Mas dissemos que a sua especialidade eram as senhoras.

Foi engano.

Não somos nós que o dizemos, é elle quem o affirma.

—O medico é simplesmente do meio em que vive—dizia o dr. com voz cava e gesto importante n'um grupo, onde o acaso nos detivera:—ha o medico do pobre, do brasileiro, do empregado publico. Eu sou simplesmente medico da alta sociedade... Tenho o segredo da medicina elegante para as damas... As pilulas, mando-as dourar, os pós quero que sejam simplesmente embrulhados em papel-setim, e os...

—... Clysteres, em que os embrulha, doutor?—interrogou da banda um imprudente, cortando a palavra ao Esculapio.

Uma gargalhada fez explosão no grupo, e Virgula, tendo composto as lunetas e afeitado despeitado, as pequenas suissas russas, murmurou sem que se percebesse claramente:

—É simplesmente malcriado, este sujeito.

Depois, despediu-se do grupo com duas palavras seccas, pretextando pressa; e atirando-se para o fundo do carro, bradou para o cocheiro, ao passo que desdobrava um jornal com vistoso apparatus:

— A trote! para o palacio do barão da Cunha!...

O que vale é que, fóra da sua profissão, não faz mal a ninguem!

A QUESTÃO DOS OURINATORIOS.

Um snr. vereador do Porto declarou n'uma das ultimas sessões da camara municipal que *a cidade estava transformada n'uma sentina.*

Por mais extraordinaria que pareça esta declaração na bocca d'um illustre vereador, e menos parlamentar a phrase empregada por s. exc.^a, nem por isso esta deixa de ser apropriada e aquella verdadeira.

. . .

(Parenthesis:

Este artigo, como terão percebido os nossos leitores pelos poucos dizeres que ficam exarados, é demasiado realista para se ler sem as precauções devidas.

Por isso, tomamos a liberdade de lhes recommendar que o lêam, como nós o escrevemos—com um lenço no nariz. Bastará observarmos-lhes que o objecto d'elle, glosado n'uma discussão camararia, anda intimamente ligado aos ourinatorios publicos.

Feita a prevenção de rigor, vamos continuar. O assumpto é de chamar a lagrima ao olho,—d'um vereador que seja.

Tem a palavra o camarista alludido. Meus snrs., queiram tapar os narizes.)

. . .

«S. exc.^a — diz o extracto da sessão — referiu-se a uma noticia publicada no *Jornal do Porto*, no dia 10 do corrente, na qual se pediam providencias sobre o estado indecente em que se acham muitas das esquinas das ruas d'esta cidade, pela falta de ourinoes...»

Isto é verdadeiro, incontestavel. Bastará atravessar a cidade em qualquer direcção para se reconhecer pela vista e pelo olfato que o *Jornal do Porto* e o digno vereador teem toda a razão. E nós mesmos, sem ser-

mos o *Jornal do Porto* nem o digno vereador, já o dissemos também, protestando contra esse desleixo camarario tão nocivo á saude como avesso á decencia, ponderando mais o que não pondera nem uma nem outra auctoridade:— que exigir em taes circumstancias a execução de certa postura municipal relativa ao objecto, sob pena de 200 reis de multa, podia ser uma extorsão, um processo industrioso, mas nunca um acto de justiça.

. . .

Quando foi approvedo o artigo 53.º do Cod. de posturas a que nos referimos, 1867, salvo erro, principiou-se a collocar em alguns pontos da cidade uns nichos de granito, destinados a ourinatorios publicos, havendo na vereação d'esse tempo louvavel proposito de fazer augmentar o numero d'elles progressivamente.

Mas como todas as coisas uteis entre nós quando não presidem á sua execução interesses eleitoraes, puramente de compadrio, a collocação dos ourinatorios não proseguiu, e a cidade da Virgem ficou sem esse me-

lhoramento, que era sobretudo uma impreterivel exigencia de salubridade publica, sensivelmente prejudicada por emanações miasmaticas a cada canto e esquina.

De então para cá a cidade augmentou e os ourinatorios diminuíram. Ninguém mais se lembrou d'essas pequenas construcções tão precisas ao accio e limpeza publica mesmo nas cidades de somenos importancia; e quando ha um anno, em outro lugar, ponderamos estas coisas, por se principiarem a multar os cidadãos, que satisfaziam necessidades impreteriveis em logares menos adequados a isso, ó providencia municipal! alguns ourinatorios foram destruidos.

. . .

Ora, é justamente n'estas circumstancias que o *Jornal do Porto* pede providencias sobre o estado indecente de muitas das esquinas das ruas d'esta cidade por falta de ourinoes, e que s. exc.^a o vereador, a quem temos alludido, o apoia,—visto ser essa a pura verdade.

Porém, que meio engenhoso pensa o estrangeiro ter sido proposto e por fim adoptado para se remediar esta falta, accusada e reconhecida pela camara?

— A construcção de novos ourinatorios? — Oh! mas isso era vulgar, saltava aos olhos, não offerencia a originalidade de que constantemente a vereação portuense tem dado provas nas suas decisões!

Não, snrs.; a camara do Porto resolveu o problema da grande falta de ourinatorios na cidade, causa principal da immundicie que n'ella se nota, d'esta maneira: fazendo multar os cidadãos que em caso de necessidade não se utilisassem d'elles, dos ourinatorios ausentes, para o que a policia civil recebeu, em plena sessão camararia, instrucções e uma descompostura.

A ideia da multa, para supprir a falta de ourinatorios, é nova, e, como rêde de apanhar municipales nas melhores disposições de respeitarem as posturas e na impossibilidade de o fazerem, deve produzir um soberbo resultado, especialmente para o cofre municipal.

E ainda haverá quem diga que a segun-

da capital possui uma camara sem ideas !
Ah! de mais as tem ella ! Nós só receamos
que, por as ter de mais, dê em idiota !

. . .

O Porto, cuja área é bastante extensa, que conta aproximadamente 100:000 habitantes e é diariamente visitado pelo povo dos arrabaldes, que vem numeroso aos seus mercados e lhe offerece jornaleiros para as suas obras em construcção, conta uns 30 ourinatorios, a maior parte em estado de asphi-xiarem quem tenta aproximar-se d'elles.

De duas uma: ou a ex.^{ma} vereação se empenha pelo aceio da cidade, e n'esse caso manda levantar ourinatorios publicos a distancias proporcionadas, ou quer unicamente fazer colheita diaria de multas para o cofre municipal,—o que nos parece ter sido o seu pensamento exigindo o cumprimento da postura sobre os ourinatorios, sem mandar construir ourinatorios, — e então faça destruir corajosamente, lealmente, os poucos existentes na cidade, investindo d'essas funcções as algibeiras da policia—mediante 200 reis.

Facto curiosissimo:

S. exc.^a a camara municipal do Porto convém que algumas esquinas que estão reclamando providencias, pelos miasmas com que infectam o ar, pelo violento cheiro ammoniacal que espalham em volta, prejudicam a saude publica e envergonham a cidade; e achando-se os seus ourinatorios em muito peor estado do que essas esquinas, porque são verdadeiros focos d'infecção, não admitte que elles envergonhem a cidade nem prejudiquem a saude publica!

Isto só tem explicação no doce sentimento depositado pela natureza no fundo de corações privilegiados:—s. exc.^a vê-os e cheira-os com olhos e nariz de mãe!

. . .

Vamos rematar com um alvitre que ousamos submetter á consideração da grave municipalidade portuense, e pelo qual, admittida a boa fé de s. exc.^a n'este negocio dos ourinatorios, poderá favorecer um pouco todo o cidadão que junte á desgraça de um padecimento de bexiga uma tysica de algibeira.

O alvitre é simples e resume-se no seguinte:

Em mandar affixar nas esquinas e publicar nos jornaes uma tabella dos ourinatórios existentes na cidade e os seus respectivos locaes ¹.

O serviço prestado ao municipe acatador das posturas, do aceio das esquinas e das moedas de 200 reis, que necessariamente teria de largar por cada transgressão, será importante. D'este modo saberá elle ao menos onde encontrar um d'esses monumentosinhos municipaes a que nos temos referido, e que no Porto são tão raros quão preciosos em certas occasiões.

Os snrs. chapeleiros passariam a nova tabella para o fundo dos seus chapéus, exactamente como hoje fazem com os toques de incendios, e assim ter-se-hia evitado maior

¹ Na primeira semana do mez de abril, e tendo já entrado no prelo as duas primeiras folhas d'este livrinho, lêmos que um cidadão requerêra á camara, lembrando isto mesmo. Era justo e d'agradecer o pedido. Attendendo a estas circumstancias, a camara indeferiu.

numero de victimas n'uma terra onde a policia é muito mais numerosa do que os ourinatorios,—embora o cofre municipal se resentisse d'uma baixa nas multas por transgressão da postura 53.

Temos concluido. Queiram destapar os seus narizes.

VESPAS

Que Deus Nosso Senhor perdôe aos inundados as tolices, os disparates e as pilherias de que teem sido causa involuntaria, estamos certos d'isso,—mas d'entre ellas não podemos deixar de citar a ultima, que, n'um bazar de prendas para o mesmo caridoso fim, dava muito dinheiro.

A aristocracia de Braga resolveu representar no theatro de S. Geraldo da augusta cidade uma ou duas comedias, revertendo o producto da recita em *favor das victimas das ultimas inundações*. É a formula.

Não nos cumpre averiguar se foi a caridade se a vaidade de se mostrarem na rampa, de brilharem á luz da ribalta que levou damas e cavalheiros a tomar sobre si a interpretação das peças escolhidas; o que não podemos deixar de apreciar é a ordem dimanada da commissão—de que todo o espe-

ctador se apresentaria de casaca e gravata branca.

Francamente, nós queríamos commentar com toda a seriedade esta clausula de admissão nas plateas do theatro de S. Geraldo em noite do beneficio de caridade, mas não poderá ser!

Pois dissei-nos, bemfeitores aristocratas: que outro era o vosso empenho senão forragear o maior numero de esmolas para os desprotegidos? — e sendo assim, que mal lhes poderia fazer que a esmola abençoada fosse offerecida com mão descalça de luva, por individuo de paletot ou de fraque?...

Um honrado moço, em cujo peito bate um coração sensível á desgraça alheia, e em cuja bolsa tinham apenas algumas moedas de prata, procurou repartir entre si e os inundados, assistindo áquella festa de caridade, o dinheiro que possuia.

N'este empenho fez aquisição d'um bilhete.

—Mas é preciso vir de casaca e gravata branca—observaram-lhe.

—De casaca?!—repetiu elle espantado—mas eu não tenho casaca; é um fato de luxo, em que não posso desperdiçar dinheiro!

—Pois, n'esse caso, não poderá entrar. São ordens.

E ahí têm aquelle homem, que, entre todos os que tinham a fortuna de possuir uma casaca, talvez fosse dos poucos a quem o sentimento humanitario levára a solicitar um lugar para a chamada *festa de caridade*, — ahí o têm, dizemos, entre as pontas d'este dilêmma:

Ou não soccorrer os infelizes, dividindo com elles o pequeno quinhão de fortuna que possue deixando de ir á... festa, ou, para lhes poder offerter dez tostões, ter de gastar dezoito mil reis n'uma casaca!...

Sem esta *toilette* prévia, os inundados não lhe receberão a esmola. Que o bemfeitor calce a luva *gris-perle* de rigor, se quer ter a honra de lhes matar a fome por um dia, por uma hora. Tudo o que vier fóra da mais severa etiqueta, é lixo. Não se acceita.

A religião manda exercer a caridade na sombra, sem que o proprio que a exerce, o suspeite; a illustre commissão, porém, determina que se revogue este mandamento e ordena que a caridade vista casaca e use chapéu de molas.

Por isso ha muito quem hesite sobre o verdadeiro nome d'aquella caridade.

Definições respigadas no *Diario de Noticias*, folha seria e conceituosa, de instrucção popular, as quaes deverão fazer parte de um novo dictionario da lingua, revista pelo sabio membro da nossa Academia, Alberto Pimentel:

—Que é um bombeiro?

—É aquelle coração, que profunda de perto os abysmos da dor.

—Que é S. Francisco de Borja?

—O producto das orações e votos dos seus progenitores.

—Que é a fava?

—É a abundancia na meza do pobre.

—Que é um caneco?

—É o symbolo augusto dos que trabalham.

(Continúa).

Na cidade de Braga o ex-governador civil, o snr. de Margaride, comeu um jantar politico e variado com os seus amigos ex-ministeriaes.

Segundo uma correspondencia da localidade, foram levantados repetidos e calorosos brindes a todo o ministerio cahido.

É como se dessem vivas a um defuncto.

Os nobres convidados regeneradores, para pagarem tão grande fineza ao nobre snr. de Margaride, tencionam comer outro jantar ainda maior com s. exc.^a.

Mesmo depois de mortos, não fazem senão comer.

O rei Affonso XII, continuando na sua viagem triumphal pelas provincias hesnholas, assistiu em Murcia a uma mascarada, composta de seis carros allegoricos — em plena quaresma !

N'esses carros via-se a Victoria, Vulcano e os cyclopes, os argonautas, o carro de Venus, etc. O monarcha parece ter gostado,

apezar do sino, entretanto, chamar para á oração.

A egreja dizia-lhe : — Arrepende-te ! não és nada ! — Mas os cortezãos repetiam-lhe : — Gosa, que a vida é curta !

E elles tinham razão. Sim, Magestade ; a vida é curta, — sobretudo a dos reis, em Hespanha.

Diz uma folha, que tem a seu cargo informar as *classes baixas* (ella inculca-se popular) do que occorre nas altas regiões do paço dos nossos reis, que, na occasião em que os cantores de S. Carlos Aldighieri, Bolis e Vidal, foram agradecer ao snr. D. Luiz, as commendas com que os agraciou, se organisára um pequeno concerto cantando S. Magestade, — «*que, como é sabido tem uma excellente voz de baixo*», observa a folha citada, — com os dois primeiros, o *tercetto* do *Guilherme Tell*.

Parece que emquanto el-rei fazia esta pequena digressão pelos dominios da Arte, encarregando-se do papel do snr. Vidal, dan-

do o braço aos snrs. Bolis e Aldighieri, aquelle notavel artista havia-se encarregado do sceptro e do papel de S. M.—e, que sabamos, não ha razão de queixa.

Consta que S. Magestade fizera tambem uma boa figura. Leremos as folhas musicas de Italia.

O snr. Antonio Rodrigues Sampaio, ex-ministro do reino, depois do triste successo dos queixos do snr. Fontes e suas consequencias, abriu um dos seus portentosos artigos contra os progressistas, seus adversarios irreconciliaveis, pelo theor seguinte:

«Depois de tanto engolirem, ficaram de queixo cahido, á força de escancararem as guellas.»

Aqui ha manifesto engano de revisão. Os pobres progressistas, vai para sete annos que estão condemnados ao mais rigoroso jejum; apenas de tempo a tempo sentem crescer-lhe a agua na bocca.

A emenda que propomos, a quem ha apenas dias abandonou a meza do orçamento, é a seguinte:

«Depois de tanto engulirmos, ficamos de queixo cahido...» etc.

Por ocasião do encerramento de côrtes, como todos os partidos da camara, progressistas, regeneradores, pretistas e avilistas se curvassem deante do radioso snr. de Bolama, buscando cada qual, na attitude mais humilde e rasteira, chamar-lhe a attenção, disse um amigo nosso para outro:

—Repara no marquez. Que satisfação n'aquella phisionomia, que fulgor n'aquelle olhar! É um sol!

—Effectivamente; um sol, a que nem faltam selvagens que lhe saudem o nascimento, um sol puro de manchas. Mas espera-lhe pelo occaso... Correl-o-hão á pedra!

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS

RUA DE SANTO ILDEFONSO, N.º 8 e 10

ORTIGÕES CHRONICA DO MEZ

PREÇO

Por assignatura . . . 120 reis

Avulso 180 reis

Para as provincias accresce o porte do correio.

EXPEDIENTE

Entra esta chronica no seu 6.º mez de existencia, e o lisongeiro acolhimento que o publico lhe tem dispensado, obrigamos quanto possivel a tornal-a digna de tanto favor, pela remoção de certos attrictos, que empecem a marcha regular de toda a publicação periodica durante os primeiro tempos

Ora sendo um dos maiores inconvenientes para a rapida distribuição d'estes opusculos, a condição estabelecida no programma, de ser a importancia de cada n.º cobrada no acto da entrega, o editor resolveu abrir series de 4 numeros, cuja cobrança principiará depois do 2.º n.º (ou mez) de cada serie, por meio de recibos.

Por esta forma o snr. assignante receberá a tempo cada n.º dos *Ortigões*, deixando de ser mensalmente incommodado para a retribuição de uma pequena quantia, que por frequentes motivos não póde muitas vezes satisfazer de prompto.

Porto—Typ. Occidental—Rua da Picaria, 50 a 54